

A INDISCIPLINA E O DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

VILLIBOR, Fernanda Fresneda¹

FREITAS, Gilson César de²

MACHADO, Rosa Maria F. Rocha³

MELO, Márcio Araújo de⁴

RESUMO

O trabalho do professor no ensino superior se configura como de grande responsabilidade, uma vez que está em suas mãos, ou pelo menos em parte, a formação de profissionais para um setor produtivo altamente competitivo e em constantes mudanças. No percurso natural de desenvolvimento de suas atividades profissionais, o docente contemporâneo se depara com diversas questões, que estão além da estrita competência científica constituída de uma formação acadêmica sólida. Uma delas, a que pretendemos abordar neste ensaio, é a indisciplina em sala de aula, problema complexo que tem acompanhado as mudanças paradigmáticas do processo ensino-aprendizagem. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica exploratória, compilações e transcrições textuais de autores

1Doutora em Ciências, docente da FACIT

2Graduado em Ciências Contábeis

3Psicóloga, especialista em Metodologia do Ensino Superior

4Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais

de diferentes áreas do conhecimento, obtidos por meio de livros e artigos publicados em revistas científicas especializadas de conteúdo confiável sobre o tema a indisciplina e o ensino superior. Como resultado, observou-se que em relação ao problema da indisciplina no ensino superior, o professor precisa refletir a sua prática, fazendo uma autocrítica sobre o seu papel e suas fragilidades no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Ensino Superior. Indisciplina. Professor

INSUBORDINATION AND THE PROFESSOR IN UNIVERSITY INSTITUTIONS

ABSTRACT

Professor's duty in higher level education is considered by many as a work of greater responsibility when we consider that he or she is responsible educating and teaching to professionals destined to work in highly competitive productive sectors subjected to constant changes. In the natural course of his or her professional activities, the contemporary professors has to face a diversity of questions which are not necessarily related to his or her scientific skills based in a solid academic formation. One question we wish to approach in this essay, is insubordination in the classroom, a complex problem which occurs together with paradigmatic changes in the teaching learning process. An exploratory research was carried using books, literary compilations and texts transcriptions from different authors in different knowledge areas. Papers published in scientific journals presenting with reliable material about the subject "insubordination and higher level teaching" were also used. Results indicated that regarding the problem of insubordination, the professor needs to reflect about his or

her practice, doing a self-critic about his or her role and his or her weaknesses in the teaching learning process.

Key Words: Higher Level Teaching. Insubordination.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho do professor do ensino superior se configura como árduo e de grande responsabilidade, uma vez que está em suas mãos, ou pelo menos em parte, a formação de profissionais para um setor produtivo marcado pelo desemprego, altamente competitivo e em constantes mudanças.

Entende-se como função do docente universitário ensinar o aluno a produzir e aplicar novos conhecimentos pela via da pesquisa e da extensão, com base nas capacidades e categorias de como adquirir e organizar conhecimentos específicos e gerais (PUENTES e AQUINO, 2010).

Excetuando-se o caráter intelectual e acadêmico, cabe ao professor universitário a formação de um caráter emocional uma vez que implica na formação da personalidade do aluno em sua totalidade, inclusive desenvolver sua capacidade de cidadania (PUENTES e AQUINO, 2010).

No percurso natural de desenvolvimento de suas atividades profissionais, o docente contemporâneo se depara com diversas questões que estão além da estrita competência científica constituída de uma formação

acadêmica sólida; indispensável a quem pretende ingressar na carreira docente. Uma delas, a que pretendemos abordar neste artigo, é a indisciplina em sala de aula, problema complexo que tem acompanhado as mudanças paradigmáticas do processo ensino-aprendizagem.

Se pedirmos atualmente para um professor identificar quais os piores problemas relacionados ao ato de ensinar, provavelmente este se referirá à indisciplina, como um deles, com toda certeza. Habilidades, motivação e hábitos de estudo dos alunos, mesmo sendo importantes, não são suficientes para explicar o sucesso ou insucesso em relação à aprendizagem, entrando em cena o docente como um dos atores fundamentais no processo ensino-aprendizagem (GIL, 2006).

Em relação ao papel do professor, é indiscutível que, para exercício de sua profissão, são necessários sólidos conhecimentos na área que se pretende lecionar e habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz (GIL, 2006). Podemos adicionar a esses dois fatores a habilidade psicológica dos professores em mediar os conflitos da sala de aula e seu próprio perfil psicológico.

Sprinthall e Sprintall (1993) relatam que foram descobertas provas sobre a antiguidade do problema da disciplina nas ruínas da antiga Sibéria, relatado em placas de argila, com mais de 4000 anos de idade, que registravam a conversa entre um adulto e um adolescente. De acordo com a tradução feita por um arqueólogo, o adulto repreendia um jovem e dizia: “Vê se cresces. Para de passear pela praça pública e de andar rua abaixo rua acima. Vai para a escola. Dia e noite me torturas. Dia e noite desperdiças o teu tempo em diversões” (SPRINTHALL e SPRINTALL, 1993, p. 527).

Parece evidente que os problemas ligados ao comportamento e à disciplina dos alunos se arrastam desde há muito tempo, e estudos sobre as atitudes dos professores face ao comportamento dos seus alunos revelaram a necessidade do desenvolvimento de múltiplas habilidades por parte do docente no campo da relação interpessoal e no desenvolvimento de práticas didáticas que contribuam para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Oliveira e Freitas (2008):

[...]os alunos adentram no ensino superior, muitas vezes, carecendo dos pressupostos necessários para cursarem esse nível de ensino; com pouca capacidade de reflexão e de abstração; domínio da língua portuguesa e noções básicas de língua estrangeira; bagagem sociocultural; pressupostos ligados aos campos das ciências, das humanidades, da cultura e das artes; habilidades para o convívio social; hábitos de estudo; respeito ao outro; compromisso, disciplina e autonomia. (OLIVEIRA e FREITAS, 2008).

O homem pós-moderno – fruto da própria sociedade, que tem ingressado precocemente no ensino superior – é segundo Rojas (1996) *apud* Barth (2007, p. 91), “frio, sem paixões, descompromissado, niilista, eclético, relativista, consumista, hedonista e permissivo”. Ao mesmo tempo, é também, um homem relativamente bem informado, mas de escassa formação, muito voltado ao pragmatismo, por um lado, e a vários assuntos, por outro. Tudo lhe interessa, mas de forma superficial, pois não consegue fazer uma síntese daquilo que percebe e, em decorrência, converte-se em uma pessoa trivial, frívola, e que carece de critérios sólidos nas suas condutas.

Ao tratarmos do estudante da

educação superior devemos considerar algumas especificidades. Segundo Zabalza, a “característica fundamental dos estudantes universitários é que são sujeitos adultos, ao menos legalmente, em total posse de sua capacidade de decisão” (ZABALZA, 2004, p. 187). Ingressando cada vez mais cedo na universidade, esse perfil de aluno, muitas vezes imaturo, apresenta certa dificuldade em lidar com situações totalmente novas em suas vidas, como o ingresso ao mundo acadêmico com todas as suas responsabilidades.

De acordo com o grau de imaturidade desses alunos, o problema da indisciplina pode ser, às vezes, mascarado ou velado, dificultando sua percepção e reduzindo as possibilidades de amenizar tais expressões (DAMKE, GONÇALVES e SILVA, 2008). Conversas paralelas durante a explicação, respostas grosseiras ao professor, brigas entre colegas de turma, bagunça e não cumprimento das atividades podem ser compreendidas como indisciplina (OLIVEIRA, 2009).

Com o intuito de discorrer sobre a temática da indisciplina no ensino superior, este artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica

exploratória, compilações e transcrições textuais de autores de diferentes áreas do conhecimento, obtidos por meio de livros e artigos publicados em revistas científicas especializadas de conteúdo confiável.

Inicialmente será discutido o papel da indisciplina como um obstáculo à aprendizagem. Posteriormente, serão abordados alguns fatores ligados à entrada do professor na carreira acadêmica (professores neófitos) que podem ser predisponentes à instalação do ambiente de indisciplina durante o processo de ensino e aprendizagem. Por fim, serão apresentadas as considerações finais dos autores como resultado da análise crítica dos textos pesquisados que discorrem sobre essa temática.

1.1 A DISCIPLINA E O MITO DA APRENDIZAGEM

Parece ser senso-comum que aprendemos melhor em silêncio. Se acatarmos essa ideia de que uma atmosfera silenciosa promove a aprendizagem, qualquer ruptura dessa atmosfera passa a ser intolerável durante o aprendizado. Devido a seriedade com que é vista a educação, de certa forma moral, o

comportamento do aluno acaba sendo visto como “indicador do caráter, necessitando de reações fortes por parte dos professores para aqueles alunos que desviam das regras” (SPRINTHALL e SPRINTALL, 1993, p. 528).

Ao acreditarmos fortemente neste paradigma proposto, estamos partindo do princípio que não é possível aprender nada enquanto se fala, se faz barulho ou se anda de um lado para o outro. Dessa forma, os alunos sentados, ouvindo em silêncio as explicações do professor, parecem retratar a melhor forma de aprendizado, não se aceitando qualquer negociação para ruptura desse contrato de silêncio de obediência forçada e conformismo (SPRINTHALL e SPRINTALL, 1993).

Como resposta ao problema complexo, traremos à tona nesta discussão, as perspectivas monolíticas da regra máxima que sugerem os estabelecimentos de regras claras sobre a disciplina e que não permitem qualquer desvio que possa estabelecer o caos e a anarquia; e a reação de ignorar os comportamentos inadequados, no qual, o professor parece se tornar permissivo, e a

sansão de aprendizagem é repassada à turma, por vez imatura para tal decisão.

É comum encontrarmos em algumas instituições de ensino superior uma lei máxima ou lei disciplinar apresentada como a *resposta* para o problema da indisciplina. Sprinthall e Sprintall (1993) relatam que a mínima ruptura desse tipo de lei disciplinar exige uma punição imediata do aluno como forma de manutenção das regras e reestabelecimento da ordem. Nesses casos, o professor por vezes acaba ficando tão envolvido na manutenção da ordem que não tem tempo para ensinar, em ambos – professores e alunos- canalizando suas energias para testarem seus limites de poder.

Devemos ter a compreensão de que o processo de aprendizagem dos alunos ocorre por meio da construção de significados para suas experiências vivenciadas através de métodos quantitativamente diferentes. Para tanto, é indispensável que o professor consiga adaptar e ajustar materiais e estratégias de ensino de acordo com o nível de desenvolvimento do seu público alvo. Naturalmente, o objetivo do educador é procurar desenvolver

no aluno seu senso de auto-controle e auto-crítica, conseguido por meio de um processo gradual de aprendizagem. Este processo pode ser conseguido com o auxílio do uso de reforços positivos ao invés de reforços punitivos aversivos exclusivos (SPRINTHALL e SPRINTALL, 1993, p. 531).

O estabelecimento de estratégias disciplinares deve ser traçado com o auxílio de pressupostos teóricos da psicologia de forma a atingir os objetivos educacionais a que se pretende alcançar. No ensino superior, definir com o grupo de alunos as normas e regras da sala de aula sem impô-las com autoritarismo, pode contribuir para a definição de comportamentos adequados ou inadequados pelos próprios alunos crescendo autonomia e senso de responsabilidade individual. Tal atitude pode desenvolver o senso de co-responsabilidade, lealdade e cooperação com o professor para exercício de uma tarefa, funcionando como ferramenta poderosa no exercício da motivação pela disciplina.

Nessa última abordagem, o professor transfere gradualmente parte do seu poder, controle e responsabilidade

para os alunos, de acordo com o estágio de desenvolvimento grau de maturidade da turma.

1.2 O PROFESSOR INICIANTE E A INDISCIPLINA

A entrada do profissional professor na docência é marcada por um conjunto de diversificadas experiências. Em muitas situações, os professores iniciantes são convidados a assumirem responsabilidades de um professor com experiência, sem ao menos terem treinamento ou passarem por um processo de capacitação pedagógica (GIL, 2006).

Encontramos, exercendo a docência universitária, professores com formação didática obtida em cursos de licenciatura; outros, que trazem sua experiência profissional para a sala de aula; e outros, ainda, sem experiência profissional ou didática, recém graduados ou oriundos de curso de especialização e/ou *stricto sensu* (GIL, 2006; PIRES, 1999). Dessa forma, o docente ainda tem que aprender a apreender, aprender a ensinar, e conhecer a representação social do seu papel e reorganizar a formas de produção do conhecimento sem desvencilhar o ensino dos setores produtivos (CAVALHEIRO; SIMON,

2009).

Imbuído de fantasias românticas, otimismo e elevadas expectativas, e procurando imprimir a melhor das impressões, o novo docente desenvolve suas práticas pautadas em atitudes e valores pré-vivenciados e interiorizados ao longo de suas experiências como aluno de graduação e pós-graduação, tentando ser sempre eficaz. Ao se deparar com alunos, atores diversos e diferentes, inseridos em um novo contexto social e movidos por outros paradigmas de ensino-aprendizagem, o professor enfrenta um choque de realidade e, muitas vezes, entra em colapso. Os seus ideais utópicos são confrontados com a problemática e complexa realidade do ensino superior (FLORES, 1999).

Diante das primeiras experiências profissionais e movido pelo sentimento de “sobrevivência enquanto profissional docente”, o professor desenvolve artifícios, por vezes de forma isolada, nos quais predominam a prática e o método de ensaio-erro (Gil, 2006, p. 6). Durante esse processo, o mais comum dos problemas é o enfrentamento da gestão de sua própria aula, da escolha

de seus conteúdos didáticos e do controle disciplinar de seus alunos. No que tange à construção de um profissional professor eficaz, faz-se necessário elucidarmos que, muitas vezes, é pautada em um paradigma individual. Para Postic (1978) *apud* Coll, Palacios e Marchesi (1990, p. 226): [...]cada um forma uma imagem do bom professor a partir de teorias da educação, de valores morais, sociais e também de modelos conscientes e inconscientes. Segundo as opções educativas e metodológicas, os critérios do bom docente estão submetidos a variações.

Para o autor, toda concepção sobre a eficácia do professor leva implícita uma concepção de valor. Não menos frequente ou importante é a dificuldade do docente em lidar com a escassez de condições de trabalho que vão desde a falta de estrutura física à formação técnica específica, sobretudo quando se deseja ser um professor-pesquisador. Ao associarmos o aluno fruto da sociedade pós-moderna ao professor despreparado metodologicamente, temos como produto final o aumento da indisciplina em sala de aula.

O problema da indisciplina em sala de aula é complexo e as

facilidades tecnológicas como acesso a *internet* em celulares têm contribuído para que a “guerra” de poderes travada diariamente entre alunos e professor em sala de aula seja cada dia mais intensa. Nesse viés, refletir sobre o problema da indisciplina no ensino superior é atual e pertinente. A forma de se ensinar ainda é marcada como uma forma de se gerir de maneira adequada ou inadequada os poderes, por parte dos professores. Se antes era marcada pelo autoritarismo do professor, hoje esta guerra é marcada pelo uso da informação de maneira rápida e precisa, como aliado do aluno.

São várias as causas que contribuem para a instalação de problemas relativos à indisciplina, como fatores sociais, culturais, políticos, familiares e da personalidade dos próprios professores e alunos. Alguns deles derivam do despreparo dos alunos que adentram cada vez mais cedo no ensino superior e outros do despreparo dos professores em liderar, envolver e contornar problemas.

Os conflitos são prerrogativas humanas que podem ocorrer independente de faixa etária, classe social. Evidentemente existem

conflitos e brigas entre os jovens que, atualmente, vêm tomando dimensões preocupantes, sobretudo quando ocorrem acrescidas com o uso de drogas e/ou porte de armas de fogo. Entretanto, essa é outra discussão, que foge ao escopo deste artigo.

Além disso, não podemos isolar o período de vida em que o aluno ingressa no ensino superior, bem como todos os outros, de seus condicionantes históricos e sociais. Naturalizar as brigas juvenis, a formação de grupos ou entender que a indisciplina escolar ocorre por conta das características de subjetividade própria da adolescência, ou que “sempre foi assim” pode dar indícios de uma miopia social. O aluno “indisciplinado” tem seus determinantes psíquicos; pertence a uma família, independente do seu modelo de estruturação; e a indisciplina é um fenômeno que se concretiza no ambiente no qual frequenta, a sala de aula.

Há que ser maduro o suficiente para compreender que ambiente da sala de aula é constituído por vários grupos de pessoas diferentes entre si, que se coagregam de acordo com os interesses diversos. No mesmo ambiente, podemos observar

diferentes graus de forças de coesão (atração e repulsão) semelhante à vida em sociedade. Reconhecer esse diferencial entre as turmas, e, na mesma turma de alunos, é uma importante característica docente quando da necessidade da resolução de problemas.

O professor – que não consegue perceber que o aluno carrega para o ambiente da sala de aula sua vivência pessoal, suas aflições, seus conflitos, suas expectativas e seu meio social – terá grandes dificuldades para gerir problemas de ordem comportamental da turma. Cabe então ao professor, ter senso clínico para realizar um diagnóstico dos anseios, das capacidades de entendimento e tato para equilibrar as relações de poder. Reconhecer que o aluno é um ser único e autônomo do seu aprendizado e ao mesmo tempo impulsioná-lo a sair do aprendizado superficial e mergulhar em conhecimentos mais profundos de modo não autoritário, mas consciente, talvez seja a grande saída para que a indisciplina no ensino superior seja superada.

O profissional educador deve estar apto a ter competências para

construir uma ordem e um ambiente de paz na sala de aula, sem, entretanto, estar isento de envolver os alunos em discussões pedagógicas construtivas às competências profissionais do discente a ser formado. Resolver diariamente conflitos inicializados em sala de aula, relativos à práxis ou a dificuldades comportamentais, é uma característica inerente a profissão docente e talvez uma das maiores causas da conturbada função de controle da indisciplina dos alunos durante o processo ensino-aprendizagem.

Bullough (1997, p. 81) salienta que “tornar-se professor constitui um processo idiossincrático que reflete as diferentes concepções de ensino, as formações profissionais e as naturezas dos diferentes contextos, sendo ainda um processo evolutivo e dinâmico”.

Em relação ao papel prático do professor, este não pode estar alheio às suas responsabilidades acadêmicas que englobam domínio de conteúdo, de metodologias de ensino-aprendizagem, de gestão de conflitos inter-pessoais e da capacidade de motivar e avaliar os alunos constantemente embasado em uma sólida formação técnico-científica.

Boarini (2013, p. 129) ressalta que “a disciplina e a indisciplina não são categorias lineares, estáticas e unidirecionais”. Além disso, não são exclusivamente reações comportamentais que ocorrem mecanicamente por índole de um aluno em particular. Muitas vezes, o comportamento indisciplinado pode sinalizar que insatisfações estão sendo produzidas no âmbito da instituição de ensino, ainda que sejam manifestações individuais. É a partir dessa leitura que o professor pode ter como termômetro de desmotivação, a indisciplina em suas aulas. A indisciplina produz efeitos negativos em relação à socialização e aproveitamento dos alunos, mas também causa problemas ao professor que gasta tempo para a manutenção da disciplina, gerando desgastes por ter que trabalhar num clima de desordem, gerando maior tensão (OLIVEIRA, 2009).

Mais uma vez, quando o professor adentra ao mundo do mercado de trabalho docente sem formação pedagógica e sem apoio, acaba desenvolvendo tais competências de forma prática e estruturando sua aula em experiências anteriores boas ou más por meio da

tentativa e erro. Desenvolver sua forma própria de ensinar exige do professor criatividade, organização, conhecimento técnico do assunto a ser ministrado, metodologias ativas, interesse, entusiasmo, reflexão pessoal e profissional e por fim, respeito e tolerância (VASCOCELLOS, 1994). Pires (1999, p. 184) ressalta que:

[...]o ideal para o efetivo processo de ensino-aprendizagem é o professor alcançar uma disciplina consciente e interativa, marcada por participação, respeito, responsabilidade, construção do conhecimento, formação do caráter e da cidadania do aluno.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina no contexto do ensino superior parece ser o primeiro sintoma de que algo está errado no processo ensino-aprendizagem. A verdadeira prática de ensino deve possibilitar a consolidação de habilidades, competência e atitudes do aluno unindo os saberes práticos às teorias necessárias para o desempenho profissional do futuro egresso do ensino superior.

Ao se deparar com o problema da indisciplina, o professor precisa refletir a sua prática, fazendo uma autocrítica

sobre o seu papel e suas fragilidades no processo ensino-aprendizagem. A solução para a indisciplina parece distante de estar consensuada, entretanto, após a pesquisa bibliográfica, é certo que o professor que adentra no ensino superior deve apresentar certos traços ou características de personalidades desejáveis, tais como: ser capaz de utilizar metodologias eficazes de ensino; ser capaz de criar um bom clima de aula; dominar um conjunto de competências teóricas e

metodológicas e ser capaz de tomar decisões de forma assertiva quando a mediação de conflitos. Desenvolver no aluno senso crítico, autonomia e auto-crítica para comportamentos inadequados parecem também auxiliar para que o processo de indisciplina não se instale durante as aulas e que seu combate não se torne o alvo principal que o professor pretende atingir.

REFERÊNCIAS

- BARTH, W.L. O homem pós-moderno, religião e ética. Teocomunicação. Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 89-108, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1775/1308>>. Acesso em: 03 set. 2013.
- BOARINI, M.L. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. Psicologia Escolar e Educacional, Maringá, v. 17, n. 1, jun. 2013.
- BULLOUGH, R. Becoming a teacher: Self and the social location of teacher education. In: BIDDLE, B.; GOOD, T.; GOODSON, I.. (Eds.). International handbook of teachers and teaching. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997. p. 79-134.
- CAVALHEIRO, R.; SIMON, I. Formação do professor no ensino superior e a indisciplina. In: Anais do IX Congresso Nacional de Educação, p. 9236-9336, 2009.
- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (org). Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação. v. 2, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- DAMKE, A.S; GONÇALVES, J.P.; SILVA, L.M. Indisciplina na educação superior: análise das relações interpessoais. In: Anais do XIII Seminário Internacional de Educação. Cachoeira do Sul: ULBRA, v.1, p.1-7, 2008. Disponível em: <www.sieduca.com.br/2008/admin/upload/23.doc>. Acesso em: 03 set. 2013.
- FLORES, M.A. (Des)ilusões e paradoxos: a entrada na carreira na perspectiva dos professores neófitos. Revista Portuguesa de Educação, v. 12, n. 1, p. 171-204, 1999.
- GARCIA, M.M.A.; HYPOLITO, A.M.; VIEIRA, J.S. Teacher identities as a production of teaching. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr., 2005.
- GIL, A.C. Didática do ensino superior. Atlas, 2006. 304p.
- OLIVEIRA, M. A. M.; FREITAS, M.V.T.F. Políticas contemporâneas para o ensino superior: precarização do trabalho docente? Revista Extra Classe, v. 1 n. 2, 2008.
- OLIVEIRA, N. Indisciplina no ensino superior: percepções e experiências de professores. Revista de Educação, v. XII, n. 13, p. 71-90, 2009.
- PIRES, D.B. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escolar. Educação & Sociedade, ano XX, n. 66, p. 181-185, abr. 1999.
- PUNTES, R.V.; AQUINO, O.F. Desafios na profissionalização da docência universitária: entre a privacidade das práticas, a autonomia exagerada e fragilidade das práticas, a autonomia exagerada e a fragilidade dos mecanismos institucionais. Educação e Filosofia, v. 24, n. 48, p. 473-298, jul./dez. 2010.

SPRINTHALL, N.A; SPRINTHALL, R.C. Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista. Portugal: McGraw-Hill, 1990.

VASCONCELLOS, C.S. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 1994.

ZABALZA, M.A. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004. S

Recebido em:13/12/2014

Aprovado em:12/12/2015